

Ajuricaba

60 anos

MUNICÍPIO DE AJURICABA

MAIO - 2026



DO PASSADO
AO PRESENTE
Raízes que
contam histórias

Editorial

60 anos de Ajuricaba: raízes que acolhem, tradições que permanecem

Celebrar os 60 anos de Ajuricaba é revisitar uma história construída com coragem, trabalho e, acima de tudo, identidade. Um município que nasceu do sonho de imigrantes europeus — em sua maioria italianos e alemães — e que, ao longo das décadas, transformou essas origens em um patrimônio cultural vivo, presente no dia a dia de sua gente.

As marcas dessa herança são facilmente percebidas. Estão nos sabores que atravessam gerações: na massa caseira que reúne famílias à mesa, nas tradicionais cucas alemãs, no apfelstrudel, no tampf kleis — receitas que carregam memória, afeto e pertencimento. Cada prato conta uma história, cada receita preserva um pedaço das origens de quem ajudou a construir este município.

Mas a cultura vai além da gastronomia. Está também nos costumes, nas celebrações e no gosto pelas bandinhas, que embalam festas e encontros comunitários, reforçando o espírito coletivo que sempre foi uma das maiores riquezas de Ajuricaba. É esse conjunto de tradições que mantém viva a essência de um povo que valoriza suas raízes sem deixar de olhar para o futuro.

Conhecida como a Terra da Hospitalidade, Ajuricaba faz jus ao nome. Aqui, receber bem não é apenas um gesto — é um modo de vida. Quem chega encontra portas abertas, sorrisos sinceros e uma comunidade que se orgulha em compartilhar o melhor de si.

Também reconhecida como a Terra do Peixe Cultivado, o município carrega essa identidade com carinho, mesmo que, ao longo do tempo, a atividade tenha deixado de ser a principal base econômica. Hoje, a força de Ajuricaba está na agricultura e também destaque para a bacia leiteira, que sustenta muitas famílias e movimenta a economia local. Ainda assim, o peixe segue presente como símbolo e atrativo, especialmente na culinária, que continua encantando moradores e visitantes.

Ao completar seis décadas de emancipação, Ajuricaba reafirma aquilo que sempre a definiu: um lugar onde tradição e desenvolvimento caminham juntos, onde o passado é respeitado e o futuro é construído com união e trabalho.

Que esta data seja mais do que uma comemoração — que seja um convite à valorização da nossa história, das nossas origens e, principalmente, das pessoas que fazem de Ajuricaba um lugar único.

Parabéns, Ajuricaba, pelos seus 60 anos de história. Que venham muitos outros, sempre com o mesmo espírito acolhedor e a mesma força de quem nunca deixou de acreditar.

SUMÁRIO

- 4** Ajuricaba:
Retratos do início da colonização
- 6** A Vida dos Imigrantes
O Terceiro Distrito: onde caminhos se encontram e histórias começam
- 7** Progresso através das águas
A história que começa com os rios
- 9** O desenvolvimento das comunidades
A ascensão da Linha 23
- 10** A Linha 26 que marcou história
A padroeira do Município
- 12** A força dos Moinhos
Os prédios que marcaram histórias de famílias
- 14** Entre toras e erva-mate
A força que moldou uma terra de trabalho
- 15** Ciclone de 1931:
Quando o vento mudou a história
- 16** O surgimento de Ajuricaba
A emancipação
- 17** A emancipação
Registros do Jornal Correio Serrano
- 22** Neve
O dia em que tudo ficou branco
- 23** Igrejas
A fé que constrói comunidades
- 24** Educação
Raízes de um futuro em construção
- 25** Cultura e Harmonia
Os 40 anos da Banda Municipal
- 26** O ponto de encontro da cidade
Os nomes e as memórias da nossa praça
- 27** Entre desafios e conquistas
Um hospital que cresceu junto com Ajuricaba
- 28** A história de Ajuricaba em fotos
Fotos de momentos que marcaram os 60 anos do município



Pesquisa e edição: Damaris Rubert de Souza

Fonte:

Museu Antropológico Diretor Pestana
Museu Hugo Adolfo Kocourek
Jornal Gazeta Regional
Entrevistas com pessoas que viveram no município antes e durante a emancipação.



Antes da emancipação, este território já pulsava vida, cultura e história — um espaço onde diferentes povos deixaram suas marcas e construíram, juntos, as bases de uma sociedade diversa que segue em constante transformação

AJURICABA - Retratos do início da colonização

Muito antes da chegada dos imigrantes europeus, a região já era habitada por diferentes grupos, como indígenas, caboclos e gaúchos, que viviam da agricultura de subsistência, da caça, da pesca e do extrativismo, especialmente da erva-mate. Esses povos já circulavam pelo território e mantinham uma relação direta com a natureza e com o campo.

Com o início da colonização oficial, a partir de 1890, esses moradores passaram a interagir com os novos colonos, mostrando que a região nunca foi isolada, mas sim, parte de uma sociedade diversa e em constante transformação. Muitos caboclos, por exemplo, contribuíram na abertura de estradas, na derrubada de mato e em obras, embora seu modo de vida não se adaptasse ao modelo de pequenos lotes rurais. A área que daria origem à Colônia Ijuhy já era conhecida e parcialmente ocupada desde meados do século XIX, despertando interesse pelas terras férteis e pela mata abundante. No entanto, foi apenas no final daquele século que a ocupação se intensificou, impulsionada pelo governo estadual, que passou a organizar a colonização e a venda de terras.

A colônia recebeu imigrantes de diversas origens, principalmente alemães, italianos, poloneses e outros povos europeus, além de migrantes vindos de outras regiões do Estado. Ao mesmo tempo, muitos brasileiros já presentes na região também garantiram suas terras, formando uma base populacional diversa.

Assim, o início da colonização foi marcado pelo encontro de culturas, pela transformação da paisagem natural e pela construção de uma sociedade plural, que

4 uniu diferentes origens na formação da região.

O início da colonização

No início da colonização, a vida dos colonos era marcada pela simplicidade e pela forte relação com a natureza. A madeira retirada do ambiente servia tanto para a construção das moradias quanto para o uso diário, como lenha para o fogão. As primeiras casas eram rústicas, feitas de taquara, madeira roliça e barro, com cobertura de capim. Dados de 1900 apontam que, entre mais de mil residências na colônia, uma parcela significativa ainda era de pau-a-pique.



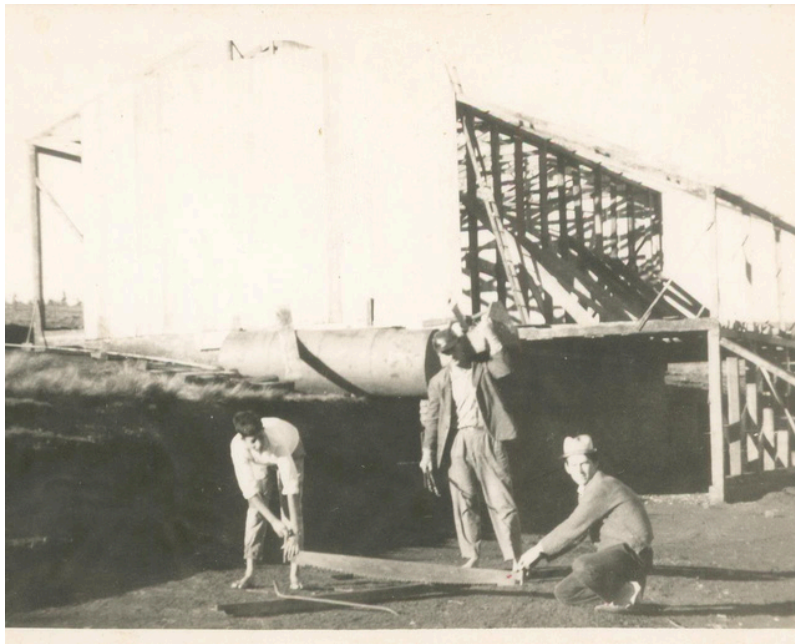
Com o passar do tempo e a melhoria das condições, as famílias passaram a construir casas mais estruturadas, com madeira serrada, assoalho e telhados mais resistentes. Nas propriedades, também eram erguidos galpões, estábulos e paióis, essenciais para o trabalho agrícola.

A chegada dos imigrantes impulsionou o crescimento populacional e a ocupação dos lotes rurais. Aos poucos, a mata deu lugar a lavouras, pomares e áreas de pastagem, transformando a paisagem e a economia local, que deixou de ser apenas de subsistência para também se tornar comercial. Com o crescimento das famílias, aumentava a necessidade de mais terras e melhores condições de vida.

Dentro das casas, o cotidiano refletia a criatividade e o aproveitamento dos recursos disponíveis. Colchões eram feitos com palha de milho e travesseiros com penas de aves, revestidos com tecido tratado com cera de abelha. Já a limpeza do entorno era realizada com vassouras artesanais, confeccionadas com galhos e plantas da região, evidenciando um modo de vida simples, porém engenhoso e adaptado ao meio.



A vida dos imigrantes



Por volta de 1890, as primeiras famílias de imigrantes chegaram à região, fixando-se principalmente na Linha 19. A partir dali, a antiga Colônia de Ijuí começou a crescer de forma acelerada, impulsionada pelo trabalho dos colonizadores e pela expansão dos núcleos de povoamento. Com esse avanço, surgiu a necessidade de organizar melhor o território — e assim nasceram os distritos.

O Terceiro Distrito: onde caminhos se encontram e histórias começam

Foi nesse contexto que, em 12 de fevereiro de 1912, por meio do Ato nº 1, surgiu oficialmente o Terceiro Distrito de Ijuí. A nova divisão administrativa refletia o desenvolvimento da região, que já apresentava sinais claros de progresso, com sedes estruturadas e boas edificações, conforme relatórios da época.

Em 1928, o núcleo da Linha 19 ganhou um novo nome: Sede General Firmino, em homenagem a Firmino de Paula, figura importante da história local e primeiro prefeito de Ijuí. Poucos anos depois, em 1931, um passo simbólico reforçaria o crescimento da comunidade: a aquisição do terreno para a construção da praça central, espaço que se tornaria ponto de encontro dos moradores.

Mas a história do Terceiro Distrito vai além das datas e leis. Sua formação está diretamente ligada aos caminhos que cortavam a região. Duas rotas foram fundamentais: a estrada principal, que ligava a então “Villa Ijuhy” ao interior da colônia, e a antiga Picada Faxinal, que vinha de Cruz Alta em direção ao norte. Foi justamente no cruzamento dessas vias que surgiu o núcleo populacional — um verdadeiro ponto de encontro de pessoas, culturas e interesses. Com o tempo, esse núcleo se consolidou como sede distrital e, mais tarde, daria origem ao que hoje é o município de Ajuricaba.

Registros históricos mostram que, desde o início do século XX, já havia a intenção de reservar áreas para a formação dessa sede. Documentos de 1901 e 1916 indicam que a própria Comissão de Terras reconheceu o crescimento do povoado na Linha 19, garantindo espaços para sua expansão.

Assim, entre picadas, estradas e o esforço coletivo de seus moradores, o Terceiro Distrito foi se moldando — tornando-se não apenas um marco administrativo, mas o berço de uma comunidade que transformou caminhos em destino.

Progresso através das águas



A história que começa com os rios

Os rios sempre foram protagonistas na história e no desenvolvimento do município, moldando tanto a paisagem quanto a rotina de quem vive aqui. O Rio Ijuí, ao sul, o Rio Barbosa, a leste, e o Arroio Varejão, a oeste, ajudaram a definir os limites do território. Já o Rio Cachoeira, afluente do Ijuí, corta o município de norte a sul, aproximando-se da zona urbana e conectando diferentes regiões.

Muito além de belas paisagens, esses cursos d'água também representavam desafios diários. Quando as estradas encontravam um rio pelo caminho, era preciso improvisar. Uma das soluções era atravessar pelos chamados “passos” ou “vaus” — trechos mais rasos e pedregosos, onde carroças conseguiam passar sem molhar a carga.

Quando isso não era possível, entrava em cena a criatividade dos colonizadores: surgiam barcas, pontes rústicas e as famosas pinguelas — simples troncos de madeira fixados nas margens, que permitiam a travessia, um passo de cada vez. Assim, entre obstáculos e soluções engenhosas, os rios ajudaram a construir não só o território, mas também a identidade da comunidade.

O papel fundamental das barcas

No início do século XX, quando pontes ainda eram raras, as barcas desempenhavam um papel essencial na ligação entre comunidades do interior. Um relatório da Intendência de Ijuhy, entre 1912 e 1915, revela que o município contava com pelo menos 13 dessas estruturas, além da autorização para mais três — todas sem custos para os cofres públicos. Mais do que simples embarcações, as barcas eram verdadeiras soluções criativas para vencer os rios. Uma delas, inclusive, foi utilizada durante a construção da ponte sobre o Rio Ijuí e, após a conclusão da obra, passou a operar no passo da estrada do Faxinal, conectando o terceiro distrito.

Construídas de forma artesanal, geralmente com madeira e apoiadas sobre canoas, essas plataformas flutuantes transportavam de tudo um pouco: pessoas, animais, veículos e pequenas cargas. Instaladas em pontos mais profundos do rio, contavam com rampas de acesso nas margens e eram guiadas por um cabo esticado de um lado ao outro. Movidas pela força da correnteza e pela habilidade do barqueiro, cruzavam o rio com simplicidade e eficiência — um retrato engenhoso de uma época em que a travessia dependia mais da criatividade do que da infraestrutura..



O DESENVOLVIMENTO *das comunidades*

Quem pensa que a vida dos colonizadores girava apenas em torno da agricultura se engana. Logo nos primeiros anos, a paisagem já era movimentada por moinhos, engenhos, serrarias e atafonas — estruturas movidas pela força da água, que aproveitavam rodas d'água para transformar matéria-prima em sustento e progresso.



Ferraria Riograndense, de Paulo Pizzolotto, na Rua da Matriz, próximo à Câmara de Vereadores

O espírito empreendedor também dava o tom da época. Um bom exemplo é a Ferraria Riograndense, de Paulo Pizzolotto, na Linha 19, que ganhava destaque em anúncios do início do século XX. Por lá, não faltavam ferramentas como enxadas, foices e machados, além da fabricação de facas, canivetes e até carroças e arados — tudo com preços que chamavam a atenção.

Mais do que lavouras, os colonizadores construíram uma economia diversa, marcada pelo trabalho, criatividade e pela força das águas que moviam não só máquinas, mas toda uma comunidade.

A ascensão da Linha 23

No início do século passado, as Linhas 22 e 23 eram verdadeiros centros de produção e movimento, reunindo mais de 20 pequenas indústrias. As fábricas de bebidas tinham papel de destaque, especialmente as de vinho e cachaça. O italiano Valentin Marozo, por exemplo, cultivava centenas de parreiras e produzia dezenas de barris por safra, abastecendo o comércio local. Já o primeiro prefeito, Notélio Mariotti, também apostava na vitivinicultura, com uma produção que chegava a cerca de 15 mil garrafas por ano, em um processo ainda artesanal.

As cachaçarias também eram fortes na região, com produção significativa e distribuição para diversos municípios. Algumas funcionavam sem parar por meses, mostrando a intensidade do trabalho e a importância econômica dessas atividades.

Mas a vida no interior ia muito além das bebidas. Serrarias, moinhos, ferrarias, marcenarias, funilarias e até relojarias faziam parte do cotidiano, ao lado das tradicionais bodegas — pequenos comércios onde se encontrava de tudo e que também serviam como ponto de encontro da comunidade. Com o passar do tempo, muitos desses estabelecimentos foram fechando, acompanhando as transformações e o crescimento de centros maiores. Ainda assim, deixaram um legado marcante de trabalho, diversidade e espírito empreendedor que ajudou a moldar a história local.



“A Linha 26 que marcou a história.”

Muito antes do progresso industrial ganhar escala, a Linha 26 já pulsava com espírito empreendedor. Em 1945, entre madeira, ferramentas e habilidade artesanal, o industrialista Gerhard Henrich Linauer transformava sua carpintaria em palco de inovação ao construir a carroceria de um ônibus sob encomenda — um feito que conectava a pequena localidade ao dinamismo regional. Poucos anos depois, em 1957, o cenário se expandia: açougue, serraria e casa comercial consolidavam a Linha 26 como um núcleo vivo de trabalho, comércio e desenvolvimento.



Padroeira do Município



Embora o dia 8 de dezembro seja feriado em Ajuricaba, em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, a verdadeira padroeira do município é Santa Maria Madalena de Pazzi. Nascida em 1580, na Província da Toscana, na Itália, a santa é celebrada em 25 de maio, data próxima ao do aniversário de emancipação de Ajuricaba, tornando a ocasião ainda mais significativa para a comunidade.



Funilaria Kocourek:

uma história que atravessou gerações e marcou a história de Ajuricaba

Em Ajuricaba, onde o comércio começou cedo, ainda nos tempos de Terceiro Distrito e Sede General Firmino, uma história atravessa gerações e seguiu viva até há poucos anos: a da tradicional Funilaria Kocourek.

Tudo começou com a família de Hugo Adolfo Kocourek, nascido em 1917, filho de imigrantes austríacos que chegaram ao Brasil em 1909. Sem vocação para a agricultura, seu pai encontrou na funilaria o sustento da família, produzindo latas para armazenar banha — um item essencial na época. Em 1927, já em Ajuricaba, a família deu início ao negócio que se tornaria um dos mais antigos e respeitados da cidade, responsável inclusive pela primeira solda a oxigênio da então Vila 19.

Com a morte do pai, em 1940, Hugo assumiu a funilaria e seguiu no ofício até 1978. Mas seu legado vai muito além do trabalho com o metal. Apaixonado por fotografia, ele passou a registrar momentos marcantes da história local — desfiles, transformações urbanas e até a visita de Luiz Carlos Prestes à cidade. Seu olhar atento ajudou a preservar a memória de Ajuricaba, e hoje parte desse acervo está guardada no Museu Antropológico Diretor Pestana e no Museu de Ajuricaba, que leva seu nome.

Colecionador nato, Hugo também reuniu objetos históricos, como a primeira placa de uma agência bancária do município e utensílios vindos da Áustria. Após sua aposentadoria, passou o negócio ao filho, que seguiu mantendo viva a tradição da família.

Mais do que uma oficina, a Funilaria Kocourek foi um verdadeiro símbolo de memória, trabalho e continuidade.

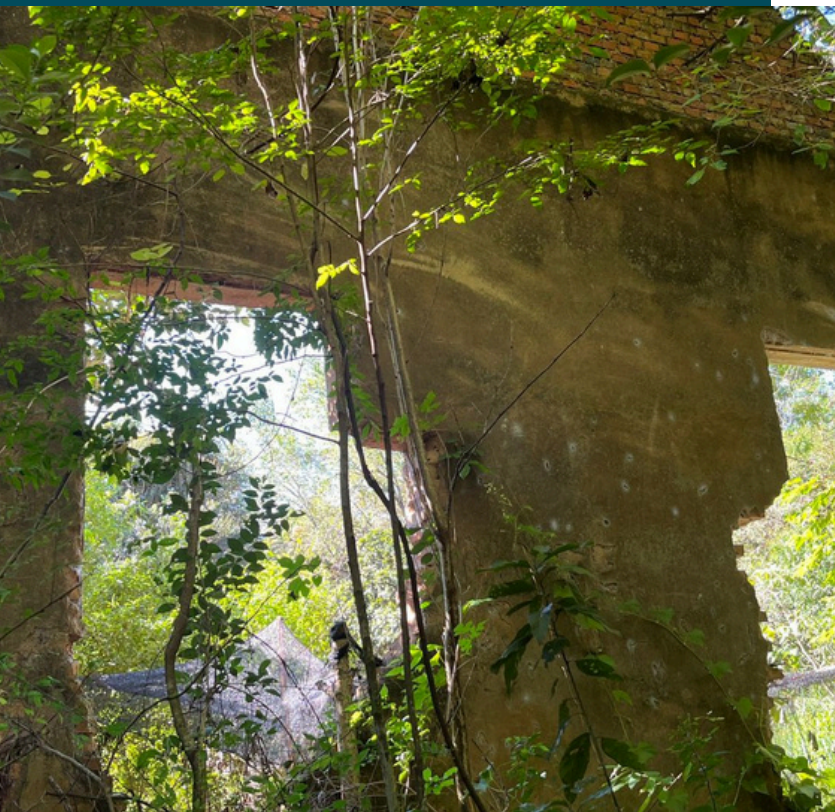
A FORÇA *dos Moinhos*

MOVIDOS PELA FORÇA DA ÁGUA E PELO TRABALHO DAS FAMÍLIAS, OS MOINHOS FORAM PROTAGONISTAS NO DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO — TRANSFORMANDO PRODUÇÃO, IMPULSIONANDO A ECONOMIA E DEIXANDO MARCAS QUE ATRAVESSAM GERAÇÕES ATÉ OS DIAS DE HOJE.

Entre o som constante da água correndo e o girar firme das engrenagens, os moinhos fizeram parte da paisagem e da vida econômica da região no início do século XX. Em 1903, conforme o Relatório da Intendência, a Colônia já contava com 27 moinhos hidráulicos — estruturas essenciais para transformar o esforço do campo em sustento para as famílias. Anos depois, em 1922, um álbum comemorativo do Centenário da Independência do Brasil registrava a força dessa atividade: apenas no terceiro distrito de Ijuí, eram 11 moinhos em funcionamento, dez deles movidos pela força da água. Já os engenhos somavam números ainda mais expressivos: 34 a vapor e 14 hidráulicos, revelando uma economia pulsante e em expansão.

Foi nesse cenário que Antenor Cereser entrou para a história como proprietário do primeiro moinho do município, instalado na Linha 23. No início, a estrutura funcionava com uma simples roda d'água, movida pela correnteza. Com o passar do tempo, a tecnologia evoluiu e deu lugar às turbinas, mais eficientes. No interior do moinho, uma pedra de moer — trazida pelos imigrantes — simbolizava não apenas o trabalho, mas também a herança cultural que ajudou a moldar a região. Era para lá que moradores se dirigiam para moer o milho, numa época em que ainda não existia o “tufão” e o processo dependia, essencialmente, da força da natureza e da paciência.





Décadas mais tarde, outro moinho marcaria a memória coletiva. Próximo ao campo do Internacional, na Rua Emílio Gross, às margens do Rio Cachoeira, ainda resiste um antigo prédio, hoje silencioso, mas que já foi sinônimo de movimento intenso. Inaugurado por volta de 1950, o moinho desempenhava funções importantes como o descasque de arroz e a moagem de milho. Antes de se fixar naquele ponto, passou por outros endereços: primeiro onde hoje está a loja Janadaí, depois em um prédio diagonal ao Posto Central, até chegar ao local definitivo, onde operava com a força da água.

Os relatos de moradores ajudam a dimensionar a movimentação da época: entre 29 e 37 caminhões chegavam diariamente para beneficiar produtos, além das inúmeras carroças que transportavam mercadorias em simples bolsinhas de papel — muito antes das embalagens industrializadas que conhecemos hoje. Mas o tempo e a natureza também deixaram suas marcas. Uma grande enchente, na década de 1960, comprometeu o funcionamento do moinho. As máquinas, consideradas modernas para a época, não resistiram: foram danificadas pela água, enferrujaram e, aos poucos, sucumbiram ao abandono.

Hoje, o que resta são memórias, histórias e vestígios de uma época em que o ritmo da vida era ditado pela força da água e pelo trabalho coletivo. Os moinhos, mais do que estruturas produtivas, foram símbolos de desenvolvimento, encontro e identidade para toda uma comunidade.



Em contraste com essas histórias que ficaram no passado, um moinho segue ativo e preservando essa tradição até os dias atuais: o Moinho Mariotti, situado na Linha 17. Mantendo viva a herança dos antigos sistemas de moagem, ele se destaca como símbolo de continuidade, trabalho e respeito às raízes da comunidade.

Entre rios e engrenagens, os moinhos deram ritmo ao crescimento da comunidade — lugares de trabalho e sustento, que ajudaram a moldar a história e a identidade local.



EM MEIO A LAVOURAS, ERVAIS E A EXTRAÇÃO DE MADEIRA, A ECONOMIA GANHAVA FORÇA COM O TRABALHO COLETIVO — SUPERANDO DESAFIOS COMO AS FORMIGAS E MOSTRANDO QUE A UNIÃO ERA TÃO ESSENCIAL QUANTO A PRÓPRIA PRODUÇÃO.

ENTRE TORAS E ERVA-MATE:

a força que moldou uma terra de trabalho

No início do século XX, a economia da região girava em torno da produção agrícola, com destaque para a banha, seguida pelo fumo e por culturas como trigo, milho e feijão, além da extração de madeiras em toras, que também tinha grande importância econômica. Enquanto os imigrantes italianos investiam nos parreirais e na produção de vinho, os alemães se dedicavam aos laticínios e à criação de suínos. A erva-mate completava esse cenário, marcando o ritmo do trabalho no campo.

Mas nem tudo era simples: as formigas eram um dos grandes desafios enfrentados pelos agricultores, exigindo soluções criativas e até apoio do poder público para conter os prejuízos. Ainda assim, o espírito de cooperação se destacava — práticas como o “putchirão”, em que vizinhos se reuniam para ajudar nas tarefas da lavoura, mostram a força da comunidade na construção dessa história.



CICLONE DE 1931

Quando o vento mudou a história

O dia 21 de junho de 1931 ficou marcado na memória da região. Um ciclone, daqueles que atravessam cidades deixando rastros de destruição, atingiu parte do então Terceiro Distrito. Os prejuízos foram grandes — casas destruídas, famílias desabrigadas — e, infelizmente, sete pessoas perderam a vida, enquanto outras 21 ficaram feridas.

Mas, em meio ao cenário difícil, também surgiu algo que atravessa o tempo: a solidariedade. A comunidade se mobilizou rapidamente para ajudar quem mais precisava. Um hospital improvisado foi montado na sede do Clube Alemão, em General Firmino, onde moradores se uniram para prestar atendimento aos feridos.

Médicos e voluntários não mediram esforços. Nomes como os doutores Arnaldo Köhnen, Ulrich Kuhlmann e José Wickert, além do farmacêutico Juvenal Leonardo, dedicaram dias de trabalho intenso para cuidar das vítimas. A Prefeitura também contribuiu com alimentação e medicamentos, reforçando a rede de apoio que se formou naquele momento.

Nos dias seguintes, os registros ainda traziam notícias das consequências do ciclone. Algumas pessoas seguiam em recuperação, enquanto outras, como a jovem Paulina Wiedmann, não resistiram aos ferimentos. Diversas construções foram destruídas ou danificadas, incluindo casas, galpões e até uma escola.

Mais do que um episódio de destruição, o ciclone de 1931 revelou a força de uma comunidade que, diante da adversidade, soube se unir e reconstruir — transformando dor em solidariedade e deixando um legado de humanidade.



**EM MEIO À DESTRUIÇÃO CAUSADA PELO
CICLONE DE 1931, A FORÇA DA
COMUNIDADE FALOU MAIS ALTO —
TRANSFORMANDO DOR EM
SOLIDARIEDADE E MOSTRANDO QUE,
JUNTOS, ERA POSSÍVEL RECOMEÇAR.**

O SURGIMENTO DE *Ajuricaba*

Quando a colônia já mostrava sua força e crescimento, um novo capítulo começava a ser escrito. Em janeiro de 1940, o lugar passou a se chamar Ajuricaba — nome forte, que significa “o homem que luta pela liberdade” e que traduz bem o espírito de sua gente.

Naquele mesmo ano, conforme registros da época, a localidade contava com cerca de 550 habitantes e já apresentava sinais claros de desenvolvimento: havia telefone, linha diária de ônibus, dois templos religiosos, hospital, 72 prédios, comércio ativo, indústrias em expansão e até um Grupo Escolar. Um cenário promissor que naturalmente despertou um grande sonho: a emancipação.

A ideia foi ganhando força ao longo dos anos, até que, em 1965, a população teve a oportunidade de decidir seu próprio destino. No dia 29 de agosto, o plebiscito confirmou o desejo coletivo, e Ajuricaba conquistou sua emancipação, oficializada em novembro daquele ano.

A instalação do município aconteceu em 29 de maio de 1966, marcando definitivamente o início de uma nova história. Na ocasião, o primeiro administrador, Notélio Mariotti, acompanhou um momento simbólico e cheio de significado: o depósito de uma cápsula do tempo, preparada por Huguinho Kocourek. Feita de latão e cuidadosamente selada para preservar seu conteúdo, a caixa guardava pequenos objetos do cotidiano — como um bodeque, um batom e uma carteira vermelha —, representando um retrato simples, mas cheio de memória, daquela época.

Aberta no cinquentenário do município, a cápsula revelou mais do que objetos: trouxe à tona sentimentos, histórias e a essência de uma comunidade que cresceu com coragem, união e orgulho de suas raízes.



A emancipação

As próximas páginas desta revista trazem um verdadeiro resgate histórico de Ajuricaba. Trata-se da reprodução fiel do jornal **Correio Serrano**, publicado em 4 de junho de 1966, documento que registrou os acontecimentos ligados à emancipação político-administrativa do município e apresentou um importante histórico sobre o surgimento de Ajuricaba. Um conteúdo que preserva a memória, valoriza as origens e eterniza parte da trajetória dos 60 anos da Terra do Peixe e da Hospitalidade.



“A instalação, domingo, dia 29 de maio de 1966, do município de Ajuricaba, foi um acontecimento sem igual, em toda a sua história.

Vindos de todos os rincões da nova comuna, os ajuricabenses tiveram horas de intensa alegria, numa festividade que contou com a presença da metade da população, que marcou as doze mil almas.

Eram 10 horas quando, sob um sol ardente e calorosa emoção, o Sr. Notélio Mariotti prestou juramento como Interventor Federal do município. O palanque oficial, montado na Praça General Firmino, contou com as mais destacadas figuras da vida política, social e econômica da região.

O ato foi presidido pelo Exmo Sr. Juiz de Direito da 2ª Vara de Ijuí, Dr. Carlos Eduardo Viana de Azambuja. Fizeram uso da palavra diversos oradores. Relatou o histórico da emancipação, e sr.

Otávio Montagner, secretário da Comissão Emancipacionista. A saudação ao interventor foi proferida pelo Dr. Geraldo Sperotto. Dirigiu-se, também, ao povo o Sr. Notélio Mariotti, já como administrador do novo município.

Após o encerramento da cerimônia de posse, foi inaugurado um monumento em homenagem à data de instalação do município. A benção foi ministrada por D. Walmor Battu Wichrowski, Vigário Episcopal Regional.

Às 11,30 horas iniciou-se um magnífico desfile de todas as forças dinâmicas de Ajuricaba. Passaram em frente do palanque oficial mais de trinta escolas, além de veículos e maquinaria agrícola, numa demonstração vibrante da grandeza da jovem comuna.

Ao meio-dia, com a presença de convidados especiais, realizou-se um churrasco de confraternização, no Salão Paulo de Tarso”.

O ato de instalação de AJURICABA

“O ato de instalação do município de Ajuricaba foi prestigiado pelas seguintes autoridades:

Ten. Cel. José Carlos Pinto Neto, Comd. da 7ª G. Can 75 AR, representante do 17º R.I. de Cruz Alta; deputado Federal Antônio Bresolin — D. Walmor Battu Wichrowski, Vigário Episcopal Regional — Dr. Carlos Eduardo Viana de Azambuja, MM Juiz de Direito da 2ª Vara de Ijuí — Sr. Walter Müller, prefeito de Ijuí — Dr. Solon Gonçalves da Silva, vice-prefeito de Ijuí — deputados estaduais Alberto Hoffmann, Reinholdo Luiz Kommers e Heitor Galant — Dr. Orlando Dias Athayde, interventor de Augusto Pestana — Sr. Francisco Assis Costa, presidente do Legislativo Ijuicense — vereadores, Dr. Amilcar Estanislau de Souza, Firmino Ribeiro Cezimbra, Ernesto Schmidt, Eugênio Michaelsen e Alceu C. Hickembick – Ten. Aldo Patrocínio de Azambuja Cmt. Do Destacamento da Brigada Militar de Ijuí e representante do Cmt da Brigada Militar do Estado — Dr. Sildo Brust, presidente da Associação Comercial de Ijuí — Dr. Wilibaldo Lassi, secretário da prefeitura municipal de Ijuí — Pe. Albino Casarin, Vigário da Paróquia de Ajuricaba — Pastor Horst Klusmann, da Comunidade Evangélica de Ajuricaba — Pe. Dorvalino Rubin, Diretor do Colégio Santo Alberto de Augusto Pestana - além de representantes do comércio, indústria, bancos, autarquias estaduais e federais”.

(Correio Serrano - 4 de junho de 1966)



AJURICABA

registros do Jornal Correio Serrano

“Ajuricaba é hoje uma nova comuna rio-grandense. Suas origens históricas prendem-se inevitavelmente ao afluxo de imigrantes, que iniciou a colonização serrano-missioneira no limiar deste século. Nos primeiros anos do século XX estendeu-se a colonização para o interior do já município de Santo Ângelo. Ajuricaba, na época sem nome e mata virgem, logo após Linha 19 e mais tarde General Firmino de Paula, pertencia a esta área enorme e desconhecida.

Ijuí, até 1912, figurava como quinto distrito de Cruz Alta. Portanto, houve mudanças fundamentais nos territórios dos nascentes municípios da época. Augusto Pestana logrou êxito em tornar Ijuí autônoma. Mantendo gestões com Cruz Alta obteve a anexação de parte do Cadeado, hoje pertencente ao próspero município de Augusto Pestana. Através de atendimentos e argumentações apresentados a Santo Ângelo, a área que compreendia a Linha 19 foi integrada no Município de Ijuí.

Os primeiros colonizadores que penetraram nas matas, onde hoje floresce uma cidade, procediam do Vale do Rio Taquari, zona pioneira do desbravamento do Rio Grande do Sul. Em nossos dias encontram-se larga descendência destes vanguardeiros.

Segundo tudo indica, o primeiro grupo que adentrou aquelas plagas vinha integrado dos nomes Tobias, Fitse, Bartuch, Kock e Augustin, todos de origem alemã. Os italianos chegaram na mesma época. Os troncos das famílias Camini, Carlini, Farazin e Massalai da região, originaram-se destes grupos pioneiros.

Pouco mais tarde os poloneses viriam integrar-se na vida da nova povoação. Os primeiros que vieram foram os Sucheski, Dristochek e Wisnieski. Os austríacos bem cedo se fixaram no então já crescente núcleo de Linha 19. Os irmãos Prauchner e Schaffel, Heinrich Wimmer e João Kocoureck. Os húngaros, Hoffmann, Gascho e Covari, bem como os israelitas, Kvischvisk e Toederot, fixaram-se na mesma época”. (Correio Serrano - 4 de junho de 1966)



Registros do Jornal Correio Serrano

“Com o gradativo domínio da natureza o homem foi-se agrupando. As necessidades comuns sempre procurou resolver em comum. Outras povoações foram surgindo rapidamente. O Sr. Manoel Schettert foi o primeiro sub intendente da vila. Luiz Preto era o fiscal-inspetor da época.

Em pouco mais de dez anos, já eram bem numerosos os tropeiros e comerciantes ambulantes, que passavam pela Linha 19 para comerciar e fazer pouso. Logo que a povoação surgiu abriram-se as “vendas”. A vida social estabeleceu-se naturalmente. Em 1911, foi fundado o “Allgemeiner Deutscher Verein”, extinto em 1938, transformado no mesmo ano em Clube 19 de Outubro. Ao estilo pátrio, tão logo criada a sociedade, formaram-se dois grupos de bolão. Alguns antigos moradores lembram-se ainda do Grupo dos “Lobos”, formado pelos casados. Os solteiros formavam no “Jaquatiricas”.

A fusão desses dois originou o Grupo 12 de Outubro. Em 1930, conquistou o título de campeão municipal, marcando de forma expressiva o ano da união de ambos.

Fato marcante e que atesta o vertiginoso crescimento da nova colonização, foi a criação em 1913, do Curato de São Pedro, com sede na então Linha 19, hoje Ajuricaba. Em 1916 a planta da Matriz foi homologada por D. Hermeto Pinheiro, Bispo de Uruguaiana, cuja primeira visita pastoral à Matriz, deu-se em outubro de 1917. A 3 de março de 1919, o Curato passou à categoria de Paróquia. O primeiro vigário foi o Pe. Estanislau Kolomboski. A 27 de maio de 1921 foi decretado, pela Nunciatura, a passagem do município de Ijuí para a Diocese de Santa Maria, que teve como primeiro bispo, D. Miguel de Lima Valverde. A 2 de março de 1931, foi inaugurada a nova Matriz de S. Pedro. Atualmente conta com um amplo Salão Paroquial e demais instalações erguidas pelos fides. É vigário, o Pe. Albino Casarin, que pastoreia mais de 1200 famílias católicas.

A Igreja Evangélica foi iniciada bem cedo. A capela data de 30 de março de 1924. A comunidade possui mais de dois mil membros e é orientada pelo Pastor Horst Klussmann. Seu primeiro pároco (1913) foi o Pastor Christoph Sellins.

Data de 1915, a fundação da primeira farmácia da localidade, pelo saudoso farmacêutico Juvenal Leonardo. Passou por vários proprietários e hoje, ainda continua a prestar seus serviços, no mesmo prédio.

Fato ainda lembrado com emoção pelos mais antigos foi o saque desenfreado contra a povoação, na revolução de 1923, por Laurindo de Abreu, que comandava mais de cinquenta homens. Em 3 de janeiro de 1925, passou por Ajuricaba a força de Luiz Carlos Prestes. Nesta ocasião todos os moradores, inclusive autoridades, tiveram que ausentar-se da vila por alguns dias, até que Prestes fizesse sua retirada. Na vila permaneceram apenas alguns moradores. Foi organizada uma liga para enfrentar Luiz C. Prestes, a qual teve como chefes Luiz Prauchner e Emílio Gross.

Destacamos, também, a chegada de energia elétrica para a vila. Este fato de relevante importância, verificou-se em 1928. Provinha a energia da usina particular de Antonio Henn, que possuía também moinho, carpintaria, marcenaria, serraria, ferraria, cinema, e dirigia a banda de música.

(Correio Serrano - 4 de junho de 1966)



Registros do Jornal Correio Serrano

“A assistência à saúde, dos primeiros colonizadores, era algo difícil. As doenças comuns eram tratadas com métodos caseiros. Casos graves podiam ser tratados em Ijuí ou Cruz Alta. A inexistência de caminhos e a falta de recursos impossibilitava a remoção dos enfermos. O primeiro médico chegou em 1937. O dr. Petraco, como todos o conheciam, iniciou a luta com poucos recursos. Recentemente faleceu o Dr. José Corrêa de Josilco, grande benfeitor do Hospital de Ajuricaba. Outros médicos ligaram-se intimamente à vida ajuricabense.

A ponte sobre o rio Cacheira, construída em 1937, foi acontecimento de importância para os transportes da próspera colônia.

O ensino entrosou-se naturalmente na vida dos diversos povoados que surgiram. Constituída de descendentes de europeus, a população logo preocupou-se em criar escolas e continuar o bom nível de conhecimento que traziam.

Os atuais distritos do município de Ajuricaba — Ramada, Barro Preto e outras localidades, surgiram à medida que ia se alastrando a penetração dos colonos. Essa povoação em sua maioria, tiveram base em pequenas propriedades, que os colonos adquiriram do governo.

Hoje a agricultura é praticada em grande parte, através da pequena propriedade. Os campos de São Jacó e da Ramada, as posses Jeremias Amado, Manoel Pereira e Herdeiros de Joaquim A. da Silva, assinaladas no mapa do município de Ijuí, de 31 de janeiro de 1932, deram origem criação extensiva do gado. Hoje, dividem-se em numerosas granjas.

Do ponto de vista étnico, Ajuricaba apresenta variados matizes. Os alemães e italianos constituem o maior número da população do município. Poloneses, austríacos, tcheco-eslovacos, húngaros, holandeses, israelitas, portugueses e índios completam o cadinho de raças.

A Cooperativa Mista Pôrtoalegrense Ltda. simboliza o grau de adiantamento da agricultura no município. Localiza-se no distrito da Ramada.

Autônomo e livre, Ajuricaba forjou seu próprio destino. Hoje, as perspectivas de desenvolvimento são promissoras. A energia dos seus pioneiros firmaram bases sólidas, de uma vontade inabalável e uma fé valiosa no seu futuro. Este futuro que os 12.000 ajuricabenses iniciaram com sua autonomia política – passo decisivo para a emancipação cultural, social e econômica”.

(Correio Serrano - 4 de junho de 1966)



O dia em que tudo ficou branco

Era uma sexta-feira, 20 de agosto de 1965, quando Ajuricaba amanheceu diferente. Um fenômeno raro para a região transformou completamente a paisagem: a neve cobriu lavouras, estradas, telhados e ruas, pintando tudo de branco e criando um cenário digno de fotografia — daquelas em preto e branco, que ajudaram a eternizar o momento.

O impacto foi tão grande que a rotina simplesmente parou. Escolas liberaram os alunos, o comércio fechou as portas e a comunidade saiu para as ruas, mesmo enfrentando o frio intenso, só para contemplar aquele espetáculo da natureza, que poucos haviam visto antes.

As lembranças desse dia ainda vivem na memória dos moradores mais antigos. Em tempos mais simples, muitas famílias nem tinham calçados adequados para o inverno rigoroso. Ainda assim, as crianças não deixaram de aproveitar: brincaram na neve, fizeram bonecos e transformaram o frio em diversão.

Nem tudo, porém, foi encanto. O frio intenso também trouxe dificuldades, especialmente para os animais, muitos dos quais não resistiram às baixas temperaturas.

Entre desafios e encantamento, aquele dia entrou para a história como um dos mais marcantes já vividos em Ajuricaba — um momento raro em que o município viu, literalmente, sua paisagem mudar de cor e ganhar um capítulo inesquecível.



A FÉ que constrói comunidades

Entre cultos, encontros e muito trabalho coletivo, igrejas e templos foram o coração das primeiras comunidades — espaços de fé, convivência e identidade que ajudaram a moldar a história de Ajuricaba.

Desde os primeiros tempos da colonização, a fé esteve no centro da vida comunitária em Ajuricaba. Para muitos imigrantes — especialmente os italianos — a religião católica era mais do que crença: era parte da rotina, presente nas missas de domingo, nos sacramentos e nas celebrações que reuniam famílias inteiras.

Mas as igrejas iam além da espiritualidade. Elas eram verdadeiros pontos de encontro. Ao redor dos templos, surgiam salões comunitários e até cemitérios, formando pequenos núcleos que fortaleciam os laços entre vizinhos e ajudavam a construir o senso de comunidade.

Na Linha 17 Norte, por exemplo, nasceu uma das primeiras expressões dessa fé coletiva. Ainda no final do século XIX, foi erguida uma capela de madeira, em terreno doado por Pedro Monteciello, dedicada a Santo Antônio — um dos santos mais queridos entre os imigrantes. O local rapidamente se tornou ponto de convivência para todos, independentemente da religião. Com o crescimento da comunidade, em 1909 teve início a construção de uma nova igreja, desta vez de alvenaria, marcando um novo momento de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, a diversidade cultural também se refletia na religiosidade. Imigrantes alemães e austríacos trouxeram a tradição luterana, enquanto a presença batista também ganhava espaço na região. As histórias desses pioneiros revelam não só a fé, mas também a determinação: longas viagens de carroça faziam parte da rotina para participar de encontros religiosos.

Em 1917, foi organizada a Igreja Batista na Linha 18 e, poucos anos depois, em 1919, a comunidade já celebrava a construção do templo Ebenézer, na Linha 28 — resultado do esforço coletivo de cerca de 30 membros.

Entre diferentes crenças e tradições, um ponto em comum se destaca: a fé como elo de união. Mais do que templos, essas construções foram fundamentais para fortalecer vínculos, preservar culturas e dar identidade às comunidades que ajudaram a formar Ajuricaba.



EDUCAÇÃO: *raízes de um futuro em construção*



A história da educação em Ajuricaba começou de forma simples, mas cheia de significado. Ainda nos primeiros anos da Colônia Ijuí, as aulas aconteciam de maneira improvisada, como as do professor alemão Robert Roeber, que ensinava meninos filhos de imigrantes nos fundos do antigo Barracão — abrigo das famílias recém-chegadas.

Sem estrutura formal, o ensino era movido pelo esforço coletivo. Muitas escolas funcionavam junto às igrejas e, na falta de professores formados, quem assumia a missão de ensinar era o morador mais instruído da comunidade. Para os imigrantes, especialmente os alemães, educação e fé caminhavam lado a lado, sendo pilares fundamentais da vida social.

Com o tempo, desafios também surgiram. Durante o período da ditadura de Getúlio Vargas e da Segunda Guerra Mundial, o uso de línguas estrangeiras foi proibido, impactando diretamente escolas que ensinavam em alemão e italiano — algumas delas chegaram a fechar as portas.

Apesar disso, o avanço da educação seguiu firme. Em 1935, foi inaugurado o Grupo Escolar de Ajuricaba, mais tarde denominado Comendador Soares de Barros. A estrutura foi ampliada ao longo dos anos para atender à crescente demanda, acompanhando o desenvolvimento do município.

Na época da emancipação, Ajuricaba já contava com uma rede educacional expressiva, com escolas estaduais, municipais e particulares, reunindo centenas de alunos. Um reflexo claro de uma comunidade que, desde o início, acreditou que o conhecimento era o caminho para construir o futuro.



Professora Nelci Tobias Oedmann
durante Desfile Cívico





CULTURA E HARMONIA:

os 40 Anos da Banda Municipal



Entre notas, ensaios e aplausos, a Banda Municipal de Ajuricaba construiu uma história que atravessa gerações — e, neste ano, chegou aos 40 anos com muitos motivos para comemorar.

Tudo começou em 1986, com um detalhe que já mostrava o espírito coletivo do grupo: o nome da banda foi escolhido por meio de um concurso. Desde então, a música passou a fazer parte da identidade do município, acompanhando festas, eventos e momentos marcantes da comunidade. Mantida pela Prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Educação, a Banda Municipal é mais do que um conjunto de músicos — é um espaço de aprendizado, convivência e paixão pela cultura. Ao longo dos anos, levou seu som para diferentes cidades da região, sempre carregando junto o nome de Ajuricaba.

A trajetória também ganhou registros especiais. Em 1991, veio o primeiro disco, com 12 músicas. Décadas depois, novos capítulos foram escritos: em 2018 e 2019, dois CDs renovaram o repertório. E, em 2023, um marco ainda mais significativo — a gravação do primeiro DVD, reunindo canções e memórias dessa caminhada.

Hoje, a Banda segue viva, formada por músicos concursados e voluntários, unindo diferentes gerações em torno da música. Sob a regência do maestro Sergio Skalee, com o apoio do professor e músico Oséias Machado, continua encantando públicos de todas as idades — provando que, em Ajuricaba, a música não é apenas som: é história, é encontro e é celebração.

O PONTO DE ENCONTRO DA CIDADE

Os nomes e as memórias da nossa praça



Ao longo das décadas, a praça central de Ajuricaba acompanhou de perto a história do município — e, como todo bom personagem dessa trajetória, também mudou de nome algumas vezes.

Nem sempre foi Praça Notélio Mariotti. Lá nos anos 1940, por exemplo, era conhecida como Praça Barão do Rio Branco, conforme decreto de dezembro de 1943. Com o passar do tempo, ganhou outras denominações, como Praça General Firmino e até Praça Piratini, refletindo diferentes momentos e referências da época.

Mas, mais do que os nomes que já carregou, o que realmente define a praça é o seu papel na vida da comunidade. Hoje, como Praça Notélio Mariotti, ela continua sendo o coração de Ajuricaba — um lugar onde o passado e o presente caminham lado a lado, sempre de portas abertas para novas memórias.



ENTRE DESAFIOS E CONQUISTAS



Um hospital que cresceu junto com Ajuricaba

Poucas histórias caminham tão lado a lado com um município quanto a do hospital de Ajuricaba. Fundado em 16 de janeiro de 1966, durante uma reunião no Salão Paroquial Paulo de Tarso, a Sociedade Hospitalar Beneficente Ajuricaba nasceu praticamente junto com a cidade — algo bem característico das comunidades do interior do Rio Grande do Sul, onde saúde e desenvolvimento sempre andaram de mãos dadas.

Naquele primeiro encontro, foi empossada a diretoria inaugural, presidida por Helvin Krüger, dando início a um projeto que surgia simples, mas cheio de propósito. Com cerca de 16 leitos, o hospital começou atendendo uma população ainda em formação, acolhendo histórias, cuidando de famílias e se tornando, desde cedo, um ponto de referência para a comunidade. E como toda boa história, também teve seus capítulos curiosos: antes de ocupar o espaço atual, o hospital já funcionou onde hoje está instalado o Banco do Brasil — um detalhe que muitos moradores ainda lembram com carinho.

Com o passar dos anos, a instituição foi se estruturando. A formalização como pessoa jurídica aconteceu em 23 de abril de 1986, fortalecendo a organização e abrindo caminhos para novos projetos. Mas nem tudo foi fácil. O hospital enfrentou momentos delicados, incluindo períodos de crise e até risco de fechamento — situações que exigiram união, mobilização e apoio da comunidade.

Aliás, essa é uma das marcas mais fortes da trajetória do hospital: a parceria com a população e o suporte de recursos públicos, que, juntos, ajudaram a manter o atendimento e garantir a continuidade dos serviços.

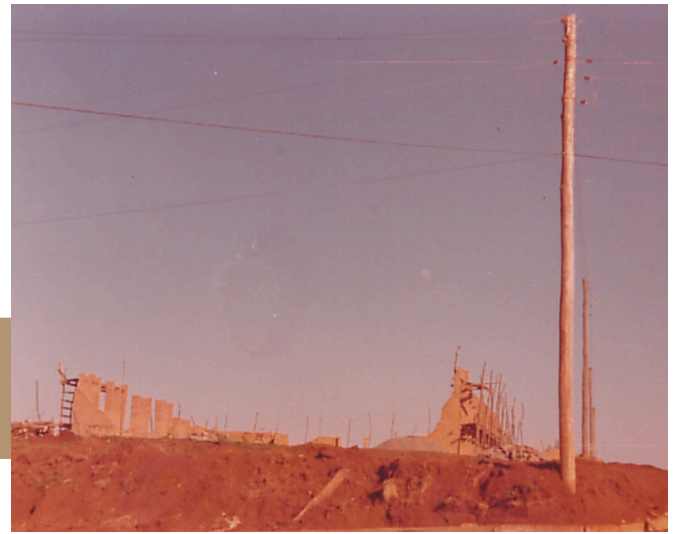


A história de **AJURICABA** *em fotos*



Antigo clube 19 de Outubro, onde hoje é a Câmara de vereadores

Início da construção do Clube 29 de Maio



Ajuricaba em 1970

Antiga sede do Escritório Montagner

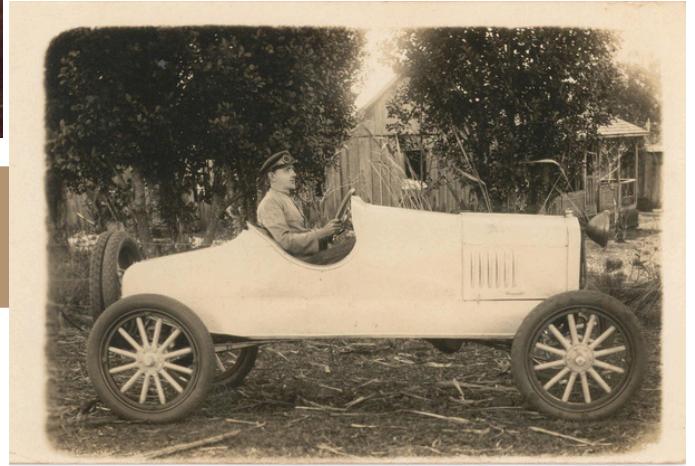


A história de **AJURICABA** *em fotos*



Prédio de Olintho Queiroz, onde hoje é a esquina da loja Vesti Modas

Primeiro carro de Ajuricaba



Rua em frente ao Posto Stadler

Antigo hotel Carlos Weydmamm, após hospital de Willi Tobias em 1928



A história de **AJURICABA** *em fotos*



Prédio do Leonardo Nicoli (hoje Vesti Modas) e abaixo o antigo Moinho do Tobias

Casa de Olintho Queiroz, hoje Banrisul



Caixa Econômica Federal



Casa de Henrique Schmadeck, hoje Ki Barato Modas



A história de **AJURICABA** *em fotos*



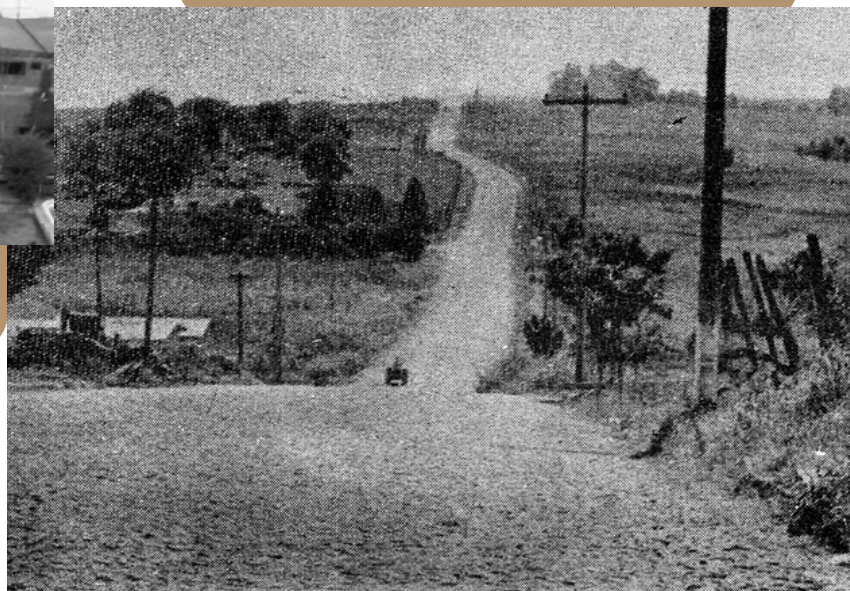
Rua Brasília



Prédio onde hoje está
situada a Coafa



Ajuricaba - década de 80



Saída para Ljuí

A história de **AJURICABA** *em fotos*



Ato de instalação do município

Leitura da ata de instalação do município - 1966



Primeira farmácia do município, de Juvenal Leonardo

Rua do Progresso, em frente ao Posto Central



Concurso fotográfico

AJURICABA EM FOTO

Entre memórias, paisagens e olhares que traduzem a essência de Ajuricaba, o Concurso Fotográfico deste ano convidou a comunidade a registrar o tema “Ajuricaba 60 anos: Retratos do Tempo”. A iniciativa revelou, através das lentes dos participantes, diferentes formas de enxergar a história, a cultura e as transformações do município ao longo das décadas. Três fotografias foram escolhidas como vencedoras, enquanto as 12 melhores imagens devem eternizar o calendário oficial do Município de 2027, valorizando talentos locais e preservando, em cada clique, fragmentos da identidade ajuricabense.

**1º LUGAR – O TEMPO E
SUAS LEMBRANÇAS –
ANA LUIZA KUCHAK
WOTTRICH**



**2º LUGAR – O VELHO
CASARÃO – CARLOS
EDEGAR WOTTRICH**

Concurso fotográfico

AJURICABA EM FOTO

**3º LUGAR – A BELEZA DA FÉ
ESPELHADA PELAS RÉSTIAS DE
SOL É LUZ DE DEUS SOBRE A
CIDADE – MICHELI PILAU DE
OLIVEIRA**



**4º LUGAR – CENÁRIO NATURAL DO
INTERIOR DE AJURICABA – BETINA
BAGETTI**

**5º LUGAR – AJURICABA 60 ANOS
DE HISTÓRIA PINTADOS À MÃO –
MICHELI PILAU DE OLIVEIRA**



Concurso fotográfico

AJURICABA EM FOTO



**6º LUGAR – SÍMBOLOS DA
FÉ - NIVIA MARIA KUCHAK
WOTTRICH**



**7º LUGAR – ANTIGO
MOINHO DA LINHA 15 –
MARCOS LUTZER**

Concurso fotográfico

AJURICABA EM FOTO

**8º LUGAR – FLUXO
CONSTANTE -
CARLOS EDEGAR
WOTTRICH**



**9º LUGAR – MONUMENTO
EM MEIO À NATUREZA –
ARTHUR VINICIUS
BALDISSERA RICHARD**

**10º LUGAR – FORÇA
VIVA DO CAMPO –
RENAN DOLOVITSCH**



Concurso fotográfico

AJURICABA EM FOTO

**11º LUGAR – RAÍZES -
NIVIA MARIA
KUCHAK WOTTRICH**



**12º CAMINHOS DA
NOSSA HISTÓRIA -
ANA LUIZA KUCHAK
WOTTRICH**

Administração de Ajuricaba nos 60 anos de história

PAULO DOLOVITSCH
PREFEITO



VERA ADORYAN
VICE-PREFEITA



Celebrar o passado, valorizar o presente e seguir juntos construindo o futuro de AJURICABA

